

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

#### ANÁLISE DO TRATAMENTO INFORMACIONAL E DA DOCUMENTAÇÃO LEGAL NOS MUSEUS DE CIÊNCIA DA UFG: DIAGNÓSTICO INICIAL E PERSPECTIVAS

#### ANALYSIS OF INFORMATION GATHERING AND LEGAL DOCUMENTATION IN THE SCIENCE MUSEUMS OF UFG: INITIAL DIAGNOSIS AND PERSPECTIVES

**Carlos Augusto Ribeiro Jotta** - Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Marcus Carrião dos Santos** - Universidade Federal de Goiás (UFG)

#### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** Este artigo investiga os museus universitários de ciência da Universidade Federal de Goiás (UFG), com foco na documentação legal e no tratamento informacional de suas coleções. Com base nos referenciais teóricos da Museologia e da Ciência da Informação, a pesquisa propõe uma análise qualitativa de dados obtidos por meio de questionário aplicado aos oito espaços museológicos vinculados ao projeto “Museu de Ciências da UFG”. A metodologia adotada é exploratória, fundamentada na hipótese da fragilidade institucional desses museus no que diz respeito à gestão e à organização da informação. O estudo apoia-se em uma revisão teórica que articula conceitos nos campos dos museus universitários, da documentação museológica e das práticas de organização da informação. Os dados coletados foram organizados em dois blocos temáticos: documentação legal e tratamento informacional. A análise revelou lacunas significativas em práticas como inventário, catalogação e uso de tecnologias para disseminação da informação. Ao mesmo tempo, apontou possibilidades de fortalecimento da gestão informacional. Conclui-se que o diagnóstico inicial evidenciou potencialidades para a formulação de políticas e estratégias voltadas à preservação e valorização do patrimônio científico e tecnológico da universidade.

**Palavras-chave:** museus universitários; tratamento informacional; patrimônio cultural universitário.

**Abstract:** This article investigates the university science museums of the Federal University of Goiás (UFG), focusing on their legal documentation and informational treatment of collections. Based on the theoretical frameworks of Museology and Information Science, the research presents a qualitative analysis of data collected through a questionnaire applied to eight museological spaces linked to the “UFG Science Museum” project. The exploratory methodology was developed under the hypothesis of institutional fragility regarding the management and organization of information in these museums. The study is grounded in a theoretical review that articulates concepts in the fields of university museums, museological documentation, and information organization practices. The collected data were structured into two thematic blocks: legal documentation and informational treatment. The analysis revealed significant gaps in practices such as inventory, cataloging, and the use of technologies for information dissemination. At the same time, it highlighted opportunities to strengthen information management. It is concluded that this initial diagnosis indicated potential for developing policies and strategies aimed at preserving and enhancing the university’s scientific and technological heritage.

**Keywords:** university museums ;informational treatment; university cultural heritage.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo está imerso nos estudos de museus universitários e acervos de ciência e tecnologia. Com o arcabouço teórico do campo da Museologia e da Ciência da Informação, buscou-se realizar uma análise qualitativa de dados coletados nos Museus Universitários da UFG que compõem o projeto “Museu de Ciências da UFG”. Este projeto visa reestruturar e fortalecer uma rede de museus de ciência nos *campi* da universidade, com vistas à promoção e salvaguarda das coleções.

O delineamento teórico que apresentamos aqui se mostra importante para a sustentação do tema que se desenvolve neste artigo. Faremos uma aproximação conceitual entre o campo da Museologia, museus universitários e o tratamento informacional das coleções dessas instituições.

Daremos início ao nosso recorte conceitual com uma leitura sobre a teoria que circunda os museus e as coleções universitárias. Esta análise é frutífera, pois nos apresenta um aporte teórico do que se tem discutido entre autores brasileiros e estrangeiros. Para dar seguimento nesta seção teórica, proporemos uma interlocução entre a teoria sobre os museus universitários e o tratamento informacional das coleções. Para este trecho, uma análise conceitual de **autores do campo da Museologia e Ciência da Informação** lançará luz sobre a temática e permitirá o desenvolvimento teórico-metodológico da análise proposta.

Ao lidarmos com conceitos demasiadamente amplos e transversais como “Museus Universitários” e “Tratamento Informacional”, optamos por trazer para este artigo um recorte clássico da literatura. Este recorte elencou autores que tratam dessa teoria com o aprofundamento necessário que esta pesquisa exige. Isso se dá a fim de promover a compreensão didática dos dados que serão apresentados na seção seguinte, bem como evitar equívocos de ordem conceitual, visto a amplitude das discussões e a importância que esses conceitos têm ao embasar as pesquisas no campo da Museologia e da Ciência da Informação. Dessa forma, este artigo não visa esgotar as discussões conceituais dos termos apresentados, mas trazer um panorama teórico sobre o argumento em questão.

Com uma metodologia exploratória, levantamos a hipótese de que os museus universitários de ciência da UFG estão fragilizados no que tange à sua gestão e tratamento

informativa. Com isso, construíram-se categorias analíticas para mapear elementos estruturais que nos permitissem compreender a dinâmica informativa dos espaços e observar se a hipótese se concretizaria (Dalmau, 2011). Para a coleta inicial dos dados, foram formuladas 16 questões objetivas que buscavam analisar dois blocos temáticos: Documentação Legal dos Museus e Tratamento Informativo. O questionário foi aplicado em todos os museus que compõem a Rede de Museus de Ciência da UFG e obteve 100% de respostas. Após a coleta, os dados foram tabulados e analisados sob a ótica conceitual, no estreitamento entre os campos da Museologia e da Ciência da Informação.

Essa rede converge sete museus universitários e uma coleção em processo de musealização, totalizando oito espaços, sendo eles: Pátio da Ciência, Museu de Ciências Morfológicas, Museu de Solos, Museu de Informática e Computação, Coleção Zoológica, Ateliê Tipográfico, Planetário e Museu de Geociências.

Por fim, esta análise permitiu traçar um panorama inicial e abrangente sobre o estado atual da documentação legal e o tratamento informativo desses museus. Ao conjugar os referenciais teóricos da Museologia e da Ciência da Informação com os dados levantados, buscamos evidenciar as lacunas estruturais e operacionais, bem como as potencialidades para o fortalecimento da gestão da informação nesses museus.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Síntese teórica sobre os museus e coleções universitárias**

O estudo dos museus e coleções universitárias constitui um campo de investigação que articula museologia, patrimônio, ciência e educação em nível superior. Esses espaços configuram-se como ambientes de preservação de objetos e documentos vinculados à produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que se propõem a mediar o diálogo entre a universidade e a sociedade. Como destacam Ribeiro, Segantini e Granato (2019), os museus universitários são locais de salvaguarda de objetos, bem como espaços que promovem aproximações entre o conhecimento científico e a busca por uma relação com a sociedade.

A pluralidade de áreas do saber presentes nas universidades se reflete nas coleções museológicas, que vão desde instrumentos científicos, modelos didáticos e equipamentos laboratoriais até acervos artísticos e etnográficos, passando por outros tipos específicos de suportes. Contudo, o que define um museu universitário não é apenas o tipo de coleção, mas sobretudo sua configuração institucional e sua vinculação às estruturas acadêmicas.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Conforme examina Ribeiro (2013), sua complexidade está no nível de sua missão e nas políticas de gestão que os sustentam. Frequentemente, tais museus estão subordinados a setores cujas atribuições originais não se relacionam diretamente com a preservação da memória ou com a gestão patrimonial.

Bragança Gil (2005) salienta que os museus universitários apresentam uma transversalidade que os diferencia de instituições similares. A formação de suas coleções está diretamente relacionada às práticas científicas, acadêmicas e educativas das universidades, o que lhes confere uma identidade própria. Mesmo os museus que tratam da mesma temática, apresentam características distintas quando inseridos no universo universitário, dada a especificidade de sua gênese institucional e seus usos acadêmicos (Gil, 2005).

Outro aspecto relevante refere-se à constituição das coleções por especialistas das áreas-fim, mas sem formação em museologia. Essa situação promove desafios conceituais e operacionais, pois a entrada de um objeto em uma coleção museológica exige a sua ressignificação como documento. O objeto passa a ser tratado de acordo com normas de documentação, conservação, catalogação e pesquisa. Esse processo, se negligenciado, compromete a finalidade do museu como espaço de memória e conhecimento.

A escassez de recursos, tanto humanos quanto financeiros, bem como a ausência de políticas institucionais integradas aos planejamentos estratégicos das universidades, são apontadas por Ribeiro (2013) como obstáculos centrais ao desenvolvimento dos museus universitários. A autora defende que, apesar dessas limitações, tais espaços têm potencial para promover práticas interdisciplinares, ampliar o acesso ao conhecimento e consolidar sua relevância social por meio da tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse cenário, iniciativas como a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) representam importantes esforços de articulação. Segundo Silva (2019), a rede busca fomentar boas práticas de gestão e valorização das coleções, além de incentivar a formação de profissionais e promover debates sobre os desafios enfrentados por essas instituições. A criação de redes colaborativas contribui para superar barreiras estruturais e reforçar o papel dos museus como agentes de transformação e disseminação do conhecimento.

Como destacam Handfas, Granato e Lourenço (2016), é necessário "repensar os critérios de valoração" dos acervos universitários, contemplando tanto a dimensão material quanto imaterial dos saberes produzidos. Esses autores alertam para o risco de que objetos

científicos — muitas vezes considerados apenas ferramentas de trabalho — sejam descartados sem o devido reconhecimento de seu valor histórico, simbólico e informacional. A mudança de percepção, nesse caso, exige um esforço institucional para integrar a preservação à missão acadêmica.

A dinâmica da inovação científica também impacta diretamente a preservação desses bens. A constante atualização dos equipamentos, a rotatividade de pesquisadores e a obsolescência tecnológica produzem efeitos colaterais na conservação do patrimônio. Como exemplificado por Handfas, Granato e Lourenço (2016, p. 9):

O Patrimônio Cultural Universitário de C&T guarda relação com a imensa, dinâmica e multidisciplinar produção científica e tecnológica na Universidade. Ainda que representem uma parte pequena de tudo o que poderia vir a ser patrimônio, muitos objetos e conjuntos de objetos de C&T são guardados por variados motivos e em condições distintas. Por vezes formam acervos e coleções musealizadas ou restam apenas como objetos dispersos guardados sem qualquer tratamento museológico.

Um número considerável de objetos de valor histórico permanece em depósitos, almoxarifados ou salas de aula, sendo preservados, algumas vezes, apenas por iniciativa de docentes e técnicos que reconhecem sua importância. Essa realidade evidencia a necessidade de ações institucionais sistemáticas para a sua valorização, documentação e catalogação. Marta Lourenço e Lydia Wilson (2013) reforçam essa urgência ao apontar a importância de identificar e valorizar objetos dispersos que ainda não foram incorporados formalmente aos museus.

Em síntese, podemos considerar, com base na literatura do campo, os museus universitários como espaços estratégicos para a promoção e a preservação da memória científica, histórica e cultural das instituições de ensino superior. Como argumentam Ribeiro *et al.* (2019) e Mendonça Júnior (2016), esses acervos cumprem funções pedagógicas e sociais fundamentais, contribuindo para o fortalecimento das práticas museológicas e para a democratização do conhecimento. Sua valorização requer políticas públicas eficazes, investimento em infraestrutura e a formação de equipes multidisciplinares comprometidas com a gestão patrimonial. No caso específico das coleções de ciência e tecnologia, compreender a trajetória dos objetos, seus usos pedagógicos e seu valor simbólico é essencial para construir estratégias de preservação que estejam alinhadas às transformações contemporâneas no campo da museologia universitária.

## **2.2 Uma proposta de interlocução: o Tratamento Informacional das Coleções nos Museus Universitários**

Essa proposta teórica que aqui se delineia busca interlocução no conceito de Tratamento Informacional nas Coleções e Museus Universitários. Julgamos que esta associação se constrói de forma bastante fecunda, sobretudo quando consideramos a teoria da documentação, desenvolvida por Paul Otlet (1934) e Suzanne Briet (1951), e os fundamentos da Ciência da Informação, desenvolvidos por Fredric Wilfrid Lancaster (2004), Maria Nélide González de Gomes (2004) e Vera Lúcia Doyle Dodebei (2002). Esses campos oferecem instrumentos sólidos para pensar o tratamento informacional das coleções museológicas no âmbito dos museus universitários, especialmente os museus de C&T, aqui elencados como objeto deste artigo.

Ao observarmos a formação das coleções universitárias de C&T, torna-se inequívoco que o tratamento desses acervos não deve se restringir ao aspecto físico, mas deve envolver uma estratégia de gestão informacional estruturada que permita a recuperação, circulação e uso da informação. Nesse sentido, a teoria da documentação, abordada por Otlet (1934) e Briet (1951), complementa a discussão, sinalizando que o documento deve ser o item tratado como evidência de um fato ou conhecimento, desde que documentado em um sistema de organização da informação.

Sob a perspectiva de Lancaster (2004), o tratamento informacional de coleções deve ser compreendido como um processo técnico e intelectual que busca a representação fiel dos conteúdos informacionais, possibilitando sua posterior recuperação com precisão e relevância. O autor ainda destaca que a eficácia do tratamento informacional está diretamente ligada à utilização de linguagens controladas, à continência dos termos e à clareza na estruturação dos registros (Lancaster, 2004). Vera Lúcia Doyle Dodebei (2002) completa dizendo que o tratamento informacional das coleções deve ser munido de instrumentos de representação do conhecimento. A utilização de linguagens documentárias é fundamental para a organização e o acesso à informação (Dodebei, 2002, p. 77).

Sob a ótica do domínio da informação, os objetos, ao serem incorporados aos acervos museológicos, assumem a condição de documento passível deste tratamento informacional. Para Ivo Maroevic (1995), o objeto de museu carrega consigo sua materialidade e um conjunto de informações contextuais que se atualizam na sua prática museológica. O autor infere que

todo objeto musealizado se transforma em um testemunho material da realidade humana, cuja função museológica é constituída no momento em que ele passa a integrar o ecossistema de um museu (Maroevic, 1995). Tal processo implica na atribuição de valor informacional, simbólico e cultural ao objeto, deslocando-o de seu uso original para um novo contexto interpretativo. Essa mudança de estatuto – do utilitário ao documental – aproxima-se diretamente das discussões da Ciência da Informação, em especial da noção de documento e de Tratamento Informacional, que visa a circulação e a inserção em um determinado sistema de informação.

Esse argumento é fundamental para entender a lógica informacional dos museus universitários e seus agentes. A gestão de suas coleções deve ser conduzida sob critérios da museologia e da documentação que envolvem a organização e a recuperação da informação. Retomando Lancaster (2004) e Dodebei (2002), os critérios para o tratamento informacional das coleções devem respeitar a taxonomia dos objetos e o uso e das redes de significado para a descrição e organização da informação. Como ressalta Ivo Moroevic (1995), a leitura informacional do objeto permite sua localização no tempo e espaço, transformando-o em mediador entre o passado e as demandas por conhecimento do presente. Na perspectiva da museologia, sob a ótica de Maroevic (1995) e Straszky (1974), a musealização das coleções implica, então, em um processo de decodificação e análise simbólica da informação.

Podemos ainda nos munir do conceito utilizado por Maria Nélide González de Gomes (2004) de “dispositivo informacional”. A autora toma o museu como um dispositivo informacional que abriga em sua coleção “objetos fronteiriços” (Gomes, 2004, p. 66). Na concepção da autora, compreender o museu como um dispositivo informacional contribui para reconstruir os canais que ligam os artefatos ao seu universo de origem e destino.

Os museus universitários são territórios privilegiados de produção e circulação do conhecimento, conectando ensino, pesquisa e extensão. Nesses ambientes, os objetos podem se tornar fontes ativas de informação que dialogam com diferentes públicos em diferentes contextos. Nesse sentido, o tratamento informacional, ao promover a organização, representação e recuperação do conhecimento associado a esses objetos, contribui em grande forma para a ampliação do acesso, para a construção de narrativas e para o fortalecimento do museu como um “dispositivo informacional” (Gomes, 2004).

Por fim, recorreremos ao autor Peter van Mensch (1990), que analisa o museu como um sistema de comunicação estruturado em torno do objeto e de seus significados culturais. É

por meio do tratamento informacional que esse sistema se torna inteligível e acessível. Assim, o processo de musealização, que envolve a seleção, a documentação, a conservação e a interpretação de objetos, deve ser sustentado por práticas informacionais rigorosas e sensíveis às múltiplas camadas simbólicas presentes nos acervos. Ao integrar as contribuições da Ciência da Informação e da Museologia, especialmente no tratamento informacional das coleções nos museus universitários, reforçamos o papel dos museus como agentes ativos na democratização do conhecimento, na preservação da heterogeneidade de seus acervos e na produção de novas formas de compreensão do mundo.

### **2.3 Análise dos dados**

Os dados apresentados aqui são oriundos de um levantamento inédito da UFG. Tal processo visa compor um projeto de reestruturação do conjunto de seus museus universitários de ciência. Com base na metodologia já elucidada neste artigo, foram tratados dois eixos centrais para esta análise: documentação legal e administrativa do museu e tratamento informacional das coleções. Estes dois aspectos foram recortados no intuito de se criar um panorama sobre a existência legal das instituições no organograma da UFG, bem como as ações de comunicação do seu acervo museológico. Tal análise se justifica pela necessidade de valorização e salvaguarda do patrimônio cultural universitário da UFG.

Pautando-nos no referencial teórico apresentado, foi possível desenvolver uma análise crítica e articulada dos dados coletados. Esses dados foram sistematizados e organizados em gráficos que nos mostram a dimensão inicial do tratamento informacional das coleções e os desdobramentos administrativos destes museus.

Inicialmente, é imperativo observar que a diversidade das coleções e dos campos do conhecimento apresentados no projeto reafirma a tese de que os museus universitários são espaços de transversalidade e heterogeneidade, conforme afirma Bragança Gil (2005). A presença de acervos ligados à física, geologia, zoologia, tecnologia gráfica, astronomia, entre outros, evidencia a multiplicidade da prática científica da UFG e reforça a ideia de que tais coleções são indissociáveis do processo de produção de conhecimento nas universidades. Os dados apresentados abaixo foram formatados em gráficos para uma visualização ampla e didática.

O primeiro bloco de dados apresentados nesta pesquisa diz respeito às dimensões burocráticas e institucionais envolvidas na formação e gestão das coleções museológicas

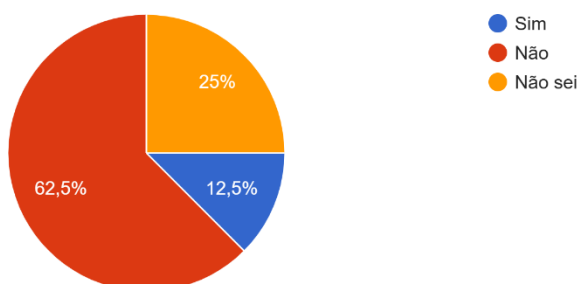
**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

universitárias. Este conjunto de informações contempla aspectos como a existência de documentos legais de criação, a estruturação administrativa dos museus e sua inserção no ecossistema organizacional da universidade. Ao analisar esses dados, será possível obter um panorama mais preciso sobre o funcionamento dos museus universitários investigados, bem como compreender os pilares administrativos e institucionais que sustentam suas práticas.

As análises que se seguem têm como base os Gráficos 1, 2 e 3, que sintetizam informações essenciais sobre a formalização legal dos museus, os setores administrativos aos quais estão subordinados e os níveis de autonomia institucional de cada museu incluído nesta pesquisa. Esses gráficos nos permitirão refletir criticamente, à luz do referencial teórico apresentado, sobre as condições estruturais que moldam a atuação dos museus universitários da UFG no campo da museologia e da gestão informacional.

**Gráfico 1 - Ato de Criação Formal**

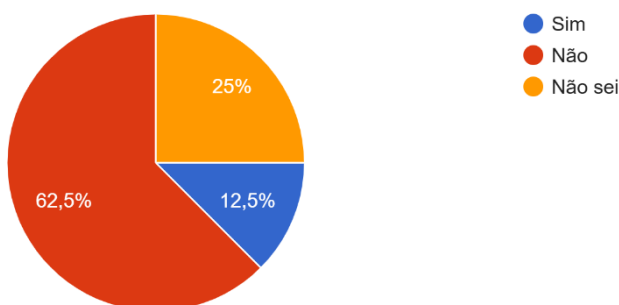
O museu/núcleo/coleção possui um Ato de Criação formal (ex: decreto, lei, portaria)?  
8 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

**Gráfico 2 – Documentação de Fundação**

Existe uma Ata de Fundação do museu/núcleo/coleção?  
8 respostas

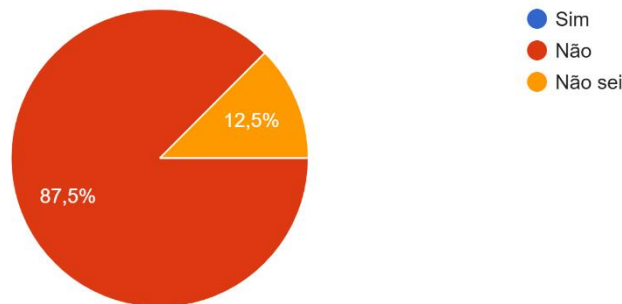


Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Gráfico 3 – Regimento Interno

O museu/núcleo/coleção possui um Regimento Interno ou documento equivalente que define sua estrutura e funcionamento?

8 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

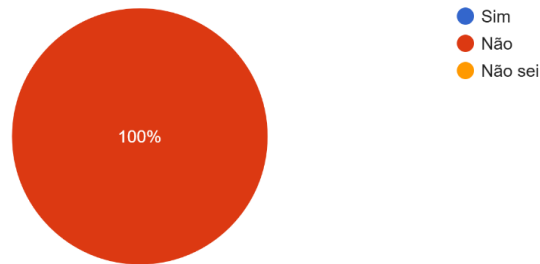
Os dados apresentados nos Gráficos 1, 2 e 3 apontam para uma fragilidade estrutural e funcional das instituições mapeadas. **Nas questões 1 e 2, optamos por adotar uma distinção terminológica. Para a UFG, o item 2 – Documentação de Fundação – deve corresponder ao documento aprovado pelo Conselho Diretor da unidade à qual o museu está vinculado, diferindo do item 1, que pode se referir a qualquer documento expedido pela Reitoria. Esse entendimento, incorporado à prática da gestão atual, foi adotado como referência nesta análise.** A ausência, em parte considerável dos museus, de regimentos internos, documento de fundação ou de vinculação clara com políticas institucionais reflete aquilo que Ribeiro (2013) já apontava como um dos principais entraves à consolidação dos museus universitários: a carência de políticas de gestão e institucionalização que se adequem às especificidades dessas instituições.

Nos dados coletados, podemos notar um percentual médio de 20% das instituições que desconhecem a existência de algum instrumento que mantenha seu funcionamento legal e administrativo. Este dado também nos chama atenção para o fator continuidade de gestão e memória documental dos processos. Esses pontos são fatores estritamente humanos, ligados às práticas administrativas de gestão museológica que podem gerar entraves futuros para a captação de recursos humanos, como concursos e processos seletivos, bem como dificuldades de ordem burocrática no financiamento e fomento dos projetos e ações.

No último gráfico deste bloco, foi levantado o quantitativo de museus que se munem do instrumento de gestão museológica instituído pela Lei Federal 11.904/09 (Estatuto dos Museus). Vejamos a seguir:

**Gráfico 4 – Plano Museológico**

Existe um plano museológico formalmente instituído?  
8 respostas



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025)

Como nos mostra o Gráfico 4, este instrumento de gestão inexistente nos museus universitários de ciência da UFG. O cenário mapeado por esta coleta de dados não representa um ineditismo, visto que os dados anteriores davam indícios da fragilidade administrativa e gerencial dos museus. O Plano Museológico é um instrumento fundamental de planejamento e gestão, cuja importância é reforçada pela Lei Federal 11.904/09. Este documento deve representar um compromisso institucional da Universidade com a preservação, valorização e uso dos acervos museológicos.

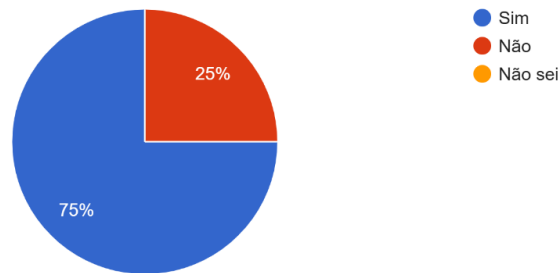
A elaboração desse instrumento de gestão revela-se essencial para a organização institucional dos museus universitários e para orientar práticas fundamentais como o tratamento informacional de suas coleções. Ao estabelecer diretrizes para documentação, catalogação, conservação e difusão dos acervos, esse documento oferece o suporte necessário para que os objetos musealizados sejam compreendidos e utilizados como documentos dotados de valor simbólico.

Nesse contexto, o tratamento informacional - entendido como o conjunto de procedimentos técnicos e conceituais voltados à representação, organização e acesso à informação contida nos objetos (Lancaster, 2004; Dodebei, 2002) - torna-se um dos pilares operacionais dos museus. A seguir, apresentamos os Gráficos 5, 6, 7 e 8 que refletem como essas práticas vêm sendo implementadas nos museus citados nesta pesquisa, permitindo

compreender os avanços, lacunas e possibilidades de aprimoramento à luz dos referenciais teóricos discutidos.

### Gráfico 5 – Inventário

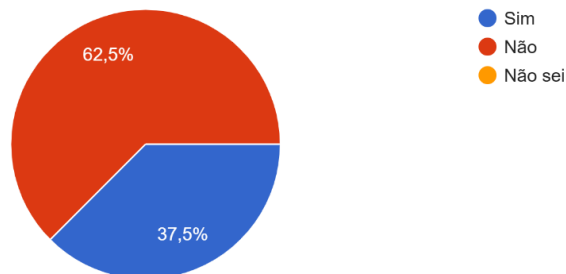
O museu/núcleo/coleção realiza(ou realizou) inventário de suas peças?  
8 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

### Gráfico 6 - Número de Registro

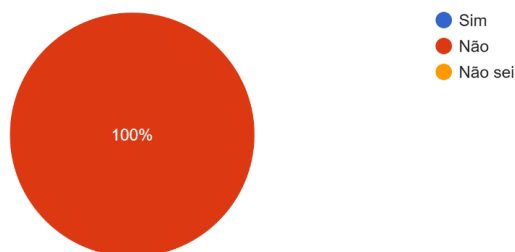
O museu/núcleo/coleção atribui números de registro únicos a cada item do acervo?  
8 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

### Gráfico 7 - Vocabulário Controlado

O museu/núcleo/coleção utiliza tesouros ou listas de termos controlados para padronizar a descrição dos objetos?  
8 respostas

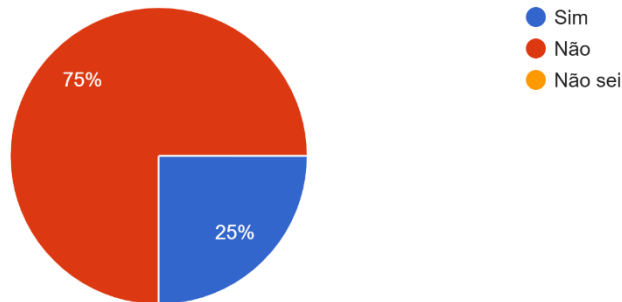


Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Gráfico 8 - Tecnologias Digitais

O museu/núcleo/coleção utiliza tecnologias digitais para disseminar informações sobre o acervo (ex: catálogos online, visitas virtuais)?

8 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

No que tange ao tratamento da informação das coleções, os dados evidenciam uma situação de fragilidade no processo informacional. Muitos dos objetos permanecem sem inventário, catalogação adequada ou sistemas de gestão da informação. **Além disso, tanto o Regimento Interno quanto o Inventário configuram-se como instrumentos obrigatórios previstos na Lei nº 11.904/2009, que institui o Estatuto de Museus, regulamentado pelo Decreto nº 8.124/2013. No caso específico do Inventário, sua elaboração e aplicação são orientadas por resoluções normativas estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).** Isso corrobora os argumentos de Handfas, Granato e Lourenço (2016), que alertam para a descontinuidade e informalidade na preservação do patrimônio de ciência e tecnologia nas universidades. A falta de infraestrutura técnica e de recursos humanos especializados reforça a tese de que a musealização desses objetos é frequentemente resultado de iniciativas individuais de docentes ou técnicos, e não de uma política institucional estruturada.

Este ponto pode ser observado na dicotomia dos dados apresentados nos Gráficos 5 e 6. Os dados demonstram que 75% dos museus realizam algum tipo de inventário das suas peças, apontando para uma tentativa de contagem e controle dos objetos. Entretanto, 62,5% desses mesmos museus não atribuem algum número de registro em suas peças. Essa desarmonia na organização da informação pode fragilizar as operações com acervos, como empréstimos, exposições temporárias, pesquisa e interoperabilidade de informação na Rede de Museus.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB  
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Os Gráficos 7 e 8 apontam para a mesma direção no que se refere à organização e padronização da informação. Todos os museus pesquisados responderam que não utilizam nenhum vocabulário controlado para a indexação dos objetos nos seus inventários. Ademais, 75% desses museus não se munem de nenhum tipo de tecnologia digital para a disseminação da informação de suas coleções. Este ponto foi apresentado de forma ampla para o Museu, que poderia responder se utiliza ou não instrumentos como, catálogos online, base de dados digital, repositório informacional, visitas virtuais entre outros.

Esse descompasso entre a formação das coleções e seu tratamento informacional compromete diretamente o papel dos museus como dispositivos informacionais (Gomes, 2004). Se o museu deve ser entendido como um sistema de mediação entre objeto, conhecimento e público, como propõe Van Mensch (1990), faz-se imperativo garantir que seus elementos constitutivos estejam organizados e acessíveis sob critérios técnicos e epistemológicos consistentes. A ausência desse sistema de organização informacional coloca em risco a preservação do acervo, sua função social, educativa e científica.

De outro modo, os dados também apresentam potencialidades destes museus. A existência de objetos de valor histórico e científico significativos para a comunidade acadêmica, ainda que dispersos ou não amplamente catalogados, representa um capital simbólico e valioso para a UFG. Esses indícios reafirmam o papel estratégico dos museus universitários como repositórios da memória da ciência, conforme destacam Ribeiro et al. (2019) e Mendonça Júnior (2016). O desafio, portanto, é transformar esse potencial em ação concreta, por meio de políticas de institucionalização, investimentos em infraestrutura e formação de recursos humanos em campos multidisciplinares, com foco na Museologia.

Ao reunir esses espaços sob uma mesma lógica de gestão institucional e museológica, o presente projeto pode contribuir para fortalecer a governança, promover práticas comuns no que se refere ao tratamento da informação e ampliar a difusão dos acervos. Para tal, será imprescindível que os próximos passos sejam acompanhados de uma política rigorosa de tratamento informacional conforme preconizam os autores da Ciência da Informação e Museologia.

A análise dos dados, à luz da teoria aqui mobilizada, permite refletir sobre um espectro. Os museus universitários da UFG, sobretudo os de ciência, enfrentam desafios estruturais e informacionais que comprometem sua plena atuação enquanto dispositivos de preservação e mediação do conhecimento. Contudo, também evidencia que há um conjunto

de bens simbólicos e humanos, que podem ser mobilizados em favor de uma política integrada e eficaz para estes museus. O tratamento informacional das coleções, nesse contexto, é um imperativo epistemológico para que os objetos científicos e culturais possam cumprir sua função como testemunhos da história da ciência e da tecnologia na formação pública na UFG.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo central analisar o tratamento informacional em museus universitários da Universidade Federal de Goiás, com ênfase nos aspectos de gestão e nas práticas de organização da informação em seus acervos. Para tanto, o percurso teórico-metodológico integrou referenciais da Museologia e da Ciência da Informação, sustentando uma abordagem exploratória por meio da aplicação de questionário estruturado a oito unidades museológicas vinculadas à Rede de Museus de Ciência da UFG.

Os resultados da pesquisa indicaram que, embora existam esforços pontuais de preservação e catalogação, a maioria dos museus ainda apresenta fragilidades institucionais e operacionais no que concerne à documentação legal, à elaboração de planos museológicos e à padronização dos processos de tratamento informacional.

**Além disso, a análise dos dados possibilitou a identificação de lacunas significativas, particularmente relacionadas à documentação, ao inventário sistemático e às estratégias de disseminação digital dos acervos.** Tais fragilidades comprometem diretamente a visibilidade, a segurança e a função científica dos museus universitários enquanto dispositivos de informação e de preservação da memória institucional.

Diante desse cenário, apontam-se como caminhos para futuras investigações o aprofundamento das análises acerca das políticas públicas de fomento à documentação museológica em instituições de ensino superior, a realização de estudos comparativos com outras universidades brasileiras e, sobretudo, o desenvolvimento de modelos de gestão e de tratamento informacional de caráter colaborativo, capazes de integrar de forma mais efetiva os princípios da Museologia e da Ciência da Informação

### REFERÊNCIAS

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. [Tradução em inglês: *What is Documentation?* Lanham: Scarecrow Press, 2006.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

DALMAU, M. V. M. **O conhecimento como informação: estudo das práticas informacionais.** Salvador: EDUFBA, 2011.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária.** Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

GIL, Fernando Bragança. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. *In: SEMEDO, Alice; SILVA, Armando Coelho Ferreira da. Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 33-54.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 55-67, jan./abr. 2004.

GRANATO, Marcus; HANDFAS, Andréa Doréa; LOURENÇO, Marta. **Patrimônio científico e tecnológico do ensino superior: conceitos, políticas e práticas.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016.

HANDFAS, Andréa Doréa; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta. Patrimônio científico e tecnológico do ensino superior: conceitos, políticas e práticas. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2016, Salvador. Anais [...].* São Paulo: ANCIB, 2016.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática.** 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2004.

LOURENÇO, Marta; WILSON, Lydia. Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. **Studies in History and Philosophy of Science**, [S.l.], part A, v. 44, n. 4, p. 744–753, 2013.

MAROEVIC, Ivo. **Introducing to Museology: the European Approach.** Munich: Christian Müller-Straten Verlag, 1993 (reimpressão em 1998).

MENDONÇA JÚNIOR, Anselmo. **Patrimônio Cultural Universitário: estratégias para obtenção do poder de definição do patrimônio cultural da Universidade Federal de Pernambuco.** 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2016.

OTLET, Paul. **Tratado de Documentação: o livro sobre o livro, a teoria e a prática da documentação.** Brasília: Briquet de Lemos, 1991. [Original publicado em 1934.]

RIBEIRO, Emanuela Sousa; SEGANTINI, Verona; GRANATO, Marcus. Museus e patrimônio cultural universitário: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações. *In: ARAÚJO, Bruno Melo de et al. (org.). Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios.* Recife: UFPE, 2019. p. 51-65.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

RIBEIRO, Emanuela Cristina. **Museus universitários e seus desafios institucionais**: caminhos para a valorização do patrimônio científico e cultural. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Maurício Cândido da. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, [S.l.], v. 32, n. 2, p. 297-309, 2019.

STRANSKY, Zdeněk Z. Metodologicke otazky dokumentace soutsasnosti. **Muzeologicke sesity**, [S.l.], v. 5, p. 13-43, 1974. (Traduzido por IA).

VAN MENSCH, Peter. **Towards a methodology of museology**. 1992. 68 f. Tese (Doutorado em Museologia) – University of Zagreb, Zagreb, 1992.